

UM DOS ALVOS DO ATAQUE FOI UMA INFRAESTRUTURA FERROVIÁRIA, ONDE MOSCOU AFIRMA TER DESTRUÍDO BLINDADOS DOADOS POR PAÍSES VIZINHOS, O QUE A UCRÂNIA NEGA. PUTIN AMEAÇA AMPLIAR A OFENSIVA

Kiev novamente na mira

Após mais de um mês de "trégua", Kiev voltou ontem a ser atacada pelos russos, que vinham concentrando as ofensivas na região do Donbass. Um dos alvos foi uma infraestrutura ferroviária localizada 10km a sudeste do centro da capital da Ucrânia. O Kremlin anunciou ter destruído blindados entregues ao país por governos do Leste Europeu. De Moscou, o presidente Vladimir Putin alertou, horas depois, que Moscou atacará novas áreas se a Ucrânia receber mísseis de longo alcance do Ocidente.

De acordo com as informações oficiais, não houve mortes. Uma pessoa ferida foi levada ao hospital, segundo anunciou o prefeito de Kiev, Vitali Klitschko, no Telegram. Pouco depois, recebeu alta. Um edifício de 10 andares teve todas as janelas quebradas.

Segundo a empresa ferroviária, cerca de 700 funcionários trabalham em tempo normal nas instalações, que tem diversos hectares. "Ouvi seis explosões às 5h57 da manhã", contou Natalia, 72 anos, ex-funcionária da instalação bombardeada, que não quis informar o sobrenome.

Moscou destacou ter atingido armamento doado aos ucranianos. "Mísseis de alta precisão e longo alcance disparados pelas forças aeroespaciais russas sobre o subúrbio de Kiev destruíram tanques T-72 entregues por países do Leste Europeu e outros blindados que estavam em hangares", disse o porta-voz do ministério da Defesa russo, Igor Konashenkov.

AFP



Bombeiros em depósito da fábrica de reparo de vagões, destruído na ofensiva de ontem: pelo menos seis explosões

Artifício

Chefe adjunto do conselho de supervisão da companhia ferroviária ucraniana, Serhiy Leshchenko rebateu a informação e negou que houvesse armamento no local. "Esse é outro exemplo de falsificação por parte da Rússia para justificar essa guerra brutal", declarou à agência de notícias France-Presse. "Não há nada militar lá, eles bombardeiam qualquer coisa", afirmou Leonid, 63 anos, que trabalhou por 45 no local.

> **Esse é mais um exemplo de falsificação fabricada pela Rússia para justificar essa guerra brutal"**
>
> **Serhii Leshchenko,** *vice-diretor do conselho de supervisão da empresa ferroviária ucraniana*

A ofensiva destruiu diversos galpões. Uma enorme cratera se abriu na instalação, causada por um projétil. A capital havia sofrido o último bombardeio em 28 de abril, dia da visita do secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres. Com a "trégua", quase dois terços dos 3,5 milhões de habitantes de Kiev retornaram à capital. As embaixadas dos países ocidentais também voltaram a funcionar.

O prefeito ressaltou que não há como dar garantias de segurança. As tropas russas levantaram o cerco à capital ucraniana e ao norte do país no final de março, para concentrar seus esforços no Donbass, no leste, que os separatistas pró-russos controlam parcialmente desde 2014. Autoridades ucranianas reconhecem que a Rússia não abandonou sua ambição de tomar Kiev.

Putin advertiu que usará todo seu poder de fogo se o Ocidente mantiver a disposição de ajudar os ucranianos com mísseis de longo alcance. "Então, tiraremos as conclusões apropriadas e usaremos nossas armas (...) para atacar alvos que não atingimos até agora", disse o líder russo, sem especificar a que locais estava se referindo, segundo trechos de uma entrevista transmitida ontem à noite pelo canal Rossiya-1. Na semana passada, os Estados Unidos anunciaram que fornecerão à Ucrânia um sistema avançado de mísseis.

Cidade dividida

Enquanto isso, combates de rua ocorreram no centro de Severodonetsk, uma cidade estratégica para russos e ucranianos na região do Donbass. Os combatentes de Putin perderam terreno, segundo Serhiy Haiday, governador da região de Luhansk, parcialmente controlada por separatistas pró-Rússia desde 2014, e da qual Severodonetsk é a capital administrativa ucraniana.

"Os russos controlavam cerca de 70% da cidade, mas nos últimos dois dias foram repelidos. Nossas forças armadas limparam a metade da cidade", afirmou, em uma entrevista publicada em seus perfis nas redes sociais. "Metade da cidade está realmente controlada por nossas forças", insistiu.

De acordo com Gaidai, o general russo Alexander Dvornikov estabeleceu a meta de até o dia 10 "tomar Severodonetsk completamente ou controlar a rota Lyssytchansk-Bajmut", que abrirá o caminho para Kramatorsk, a capital ucraniana de Donetsk, a outra maior região do Donbass. "Todas as forças (russas) estão concentradas nessas duas tarefas", disse ele.

A guerra continua em outras frentes. "A Rússia continua se esforçando para ocupar todo o nosso Estado", assinalou o ministro da Defesa ucraniano, Oleksi Reznikov. Segundo ele, o Kremlin sonha em "reunir as terras" que considera "suas", incluindo "Polônia, países bálticos, Eslováquia e outros".

Desde o início da invasão, a Rússia triplicou a área ucraniana sob seu controle, para cerca de 125.000km², ou 20% do país, segundo o presidente Volodymyr Zelensky.

» Papa pede diálogo

O papa Francisco pediu, ontem, à Ucrânia e à Rússia que retomem "negociações reais" para acabar com o conflito, deflagrado em 24 de fevereiro. Em sua mensagem das celebrações de Pentecostes, diante de 25 mil fiéis reunidos na Praça São Pedro, no Vaticano, o pontífice externou a preocupação com "uma perigosa escalada" da já grave situação.

JUBILEU DE PLATINA

Rainha surpreende súditos no fim da festa

Ladeada pelos dois herdeiros imediatos da coroa britânica — os príncipes Charles e William, primeiro e segundo na linha de sucessão, respectivamente —, a rainha Elizabeth II fez uma surpresa aos súditos no último dia de celebrações por seus 70 anos de reinado. Vestida de verde, a soberana surgiu sorridente na sacada do Palácio de Buckingham, de onde acenou para a multidão.

A aparição não esperada da monarca foi recebida com entusiasmo e fechou com chave de ouro as comemorações do jubileu de platina. Aos 96 anos, Elizabeth esteve ausente da maioria dos eventos em sua homenagem. Por meio de comunicados oficiais, o palácio alegou que a rainha havia experimentado "algum desconforto" e problema de mobilidade.

Após duas breves aparições públicas na quinta-feira, ela não compareceu ao serviço religioso no dia seguinte, nem às corridas de cavalos no sábado. Também não prestigiou o concerto em frente ao seu palácio, e não falou publicamente.

"Não existe manual para comemorar 70 anos como rainha", disse a soberana em uma mensagem divulgada ontem pelo Palácio de Buckingham, assinalando tratar-se de "algo inédito". Elizabeth II se declarou "humilde e profundamente comovida pelo fato de tantas pessoas terem saído às ruas para celebrar o jubileu de platina".

"Embora não tenha comparecido pessoalmente a todos os eventos, meu coração esteve com todos vocês e sigo comprometida a lhes servir da melhor maneira possível, com o apoio da minha família", acrescentou.

A aparição ocorreu em meio ao desfile que encerrou seu jubileu pelo centro de Londres, no qual foram vistos uma sucessão de carruagens douradas de 260 anos, soldados em trajes cerimoniais vindos de toda a Commonwealth, além de atores, dançarinos e até fantoches de corgis — os cães favoritos de Elizabeth — numa espécie de evento carnavalesco.

AFP



Da sacada do Palácio de Buckingham, Elizabeth II acena à multidão: ausência na maioria dos eventos

Foi apenas 15 minutos antes de a monarca surgir no balcão de Buckingham que o suspense terminou: a bandeira foi hasteada no topo do mastro sobranceiro ao palácio, num sinal de que ela estava no local.

Vídeo

Apesar de não ter ido ao concerto na noite de sábado, Elizabeth II, conhecida por seu senso de dever, mas também por seu humor, reservou uma boa surpresa. Ela gravou um vídeo em que toma chá com Paddington Bear, ícone da literatura infantil britânica. No fim, ela bateu com uma colher de prata sua xícara de porcelana, sincronizando com a abertura do show.

A audiência do evento atingiu um pico de 13,4 milhões de espectadores na BBC, um sinal da força da monarquia em um país muito dividido nos últimos anos devido ao Brexit. Muitos dos participantes das festividades tinham consciência da dimensão histórica do momento.

Nunca um monarca britânico reinou por tanto tempo e é improvável que esse recorde de 70 anos seja quebrado no futuro, dada a idade dos herdeiros do trono. "Inevitavelmente, essas comemorações tiveram um sabor de despedida", comentou o colunista Tony Parsons no tablóide *The Sun*. "Houve uma alegria genuína nos últimos dias. Mas também há uma forte consciência de que nunca veremos um monarca assim novamente", acrescentou.

A transição está em andamento e, embora a rainha não tenha intenção de abdicar, fiel à sua promessa em 1947 de servir seus súditos por toda a vida, ela os está preparando para o que vem a seguir.